

ENGENHOS ALAGOANOS E SUA ESPACIALIZAÇÃO

Marcella Duque¹

Bianca Machado Muniz²

Arquitetura e Urbanismo



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Os engenhos de açúcar foram importantes instrumentos de colonização, tendo em vista que, através deles, deu-se a ocupação inicial do território, principalmente no Nordeste. Os engenhos eram compostos pela casa grande, a igreja, a senzala, a lavoura e a fábrica, demonstrando uma organização vital na dinâmica de produção do açúcar, e foram, ao lado das primeiras vilas, fator de mobilização da economia, da exportação e da vida na colônia. Em Alagoas, o açúcar exerce influência relevante no estado até os dias atuais, tanto do ponto de vista político-econômico como também sociocultural. A partir do final do século XIX, com o surgimento da indústria, os engenhos gradativamente foram substituídos: os maiores converteram-se em usinas, os menores tornaram-se fornecedores de cana. Compreendendo sua importância na historiografia socioeconômica e cultural do estado, este estudo se volta para quatro remanescentes alagoanos: engenhos Lamarão, Grajaú de Cima e Novo, localizados no município de Pilar/AL e Engenho Santo Antônio, no município de Satuba/AL. Desta forma, este trabalho tem o objetivo de identificar padrões e especificidades no modo como as construções dos engenhos se organizaram no espaço. A análise utilizou como recursos metodológicos as visitas técnicas para coleta fotográfica, verificação da localização das edificações e dos percursos gerados entre elas, imagens de satélite para compreensão geral do território do engenho e revisão bibliográfica para embasamento teórico. Em termos de resultados, foi possível identificar semelhanças e diferenças na dinâmica dos engenhos, onde esquemas apontaram para organizações recorrentes.

PALAVRAS-CHAVES

Edificações; Engenho; Organização Territorial.

ABSTRACT

The sugar mills were important colonial tools, considering that through them the initial occupation of the land occurred, mainly in the northeast. Mill consists of a large house, church, slave neighbourhood, fields and factories, indicating a vital organization in the dynamics of sugar production and, together with the first villages, it was a factor in mobilizing the economy, exports and colonial life. So far, sugar in Alagoas has a relevant influence on the state, whether from a political, economic or sociocultural point of view. Since the end of the 19th century, with the advent of industry, the sugar mills have been gradually replaced: large factories have become factories, small factories have become providers of cane. Realizing its importance in the country's social, economic and cultural history, this study focuses on the four remaining plants in Alagoas: Engenho Lamarão, Grajaú de Cima and Novo, located in Pilar/AL and Engenho Santo Antônio, in Satuba/AL. Thus, this work aims to define patterns and characteristics in the organization of factory structures in space. The analysis was used as a systematic source of technical visits to collect images, verify the location of the buildings and the generated paths between them, in addition to satellite images for a general understanding of the manufacturing area and bibliographic review with theoretical basis. In terms of results, it was possible to identify similarities and differences in the dynamics of the devices, as the diagrams pointed to repeated organizations.

KEYWORDS

Buildings; Mills; Territorial Organization.

1 INTRODUÇÃO

Os engenhos banguês foram propulsores da colonização no estado de Alagoas. Estiveram presentes na paisagem desde o século XVI, interferindo em esferas do meio político, social, econômico e cultural do nosso povo, de modo que até os dias atuais a cultura do açúcar exerce influência relevante no estado. Apesar de sua importância histórica e da existência de vários remanescentes, em Alagoas não existe engenho tombado, o que leva muitas vezes à descaracterização e mesmo à ruína dos exemplares que perduram aos nossos dias.

É frequente, na bibliografia que trata do tema, a descrição de padrões, como a recorrência de certas construções, a relação entre elas e sua localização no sítio. Com base nessas questões, este estudo tem o objetivo de tomar como base o reconhecimento de remanescentes dos engenhos *in loco* e por meio de comparações, identificar padrões e especificidades no modo como as construções se organizam no espaço, como também a permanência da conexão entre estas construções por meio do estudo dos caminhos.

Utilizou-se como metodologia a consulta bibliográfica e documental, na qual foram consultadas importantes obras acerca dos engenhos alagoanos. Mas o estudo

se apoia principalmente na realização das visitas de campo, que contribuem significativamente por permitir o levantamento de registros fotográficos e métricos que proporcionam maior conhecimento e entendimento espacial das edificações a serem comparadas. Para uma perspectiva visual mais abrangente da locação das edificações no sítio, as imagens de satélite obtidas via Google Earth ajudaram na compreensão espacial do território dos engenhos em análise.

Destacam-se 4 engenhos alagoanos (Engenhos Lamarão, Grajaú de Cima e Novo, localizados no município de Pilar-AL e Engenho Santo Antônio, no município de Satuba-AL), os quais foram alvo de visitas de campo para levantamentos fotográficos, a fim de registrar o estado de conservação das construções e o reconhecimento da espacialidade na disposição das edificações no terreno.

2 O ENGENHO, SUAS EDIFICAÇÕES E FUNÇÕES

A organização espacial do engenho estava voltada para o processo de beneficiamento do sumo da cana, de modo a obter o açúcar, que se tornou o principal produto de exportação do Brasil. A vinda de colonos portugueses, com o intuito de lucrar com o atraente negócio do açúcar, fez desse produto um estimulador da colonização. O solo rico para plantio foi um dos fatores principais a influenciarem a implantação dessa atividade econômica, visto que no “Nordeste, em geral – em que se cultivava a cana-de-açúcar, era de massapê, portanto úmido, viscoso e que opunha uma resistência muito grande ao arado puxado por bois” (GOMES, 2006, p. 30).

Para entender o processo do engenho e suas edificações dispostas no terreno, descrevemos a seguir, de forma sucinta, a estrutura arquitetônica e as funções de cada construção que faz parte do engenho de açúcar.

A casa grande era a residência da família do senhor do engenho, construída com os materiais regionais adaptada ao clima do nordeste. É o edifício de destaque hierárquico do engenho, localizado por vezes no ponto mais alto do terreno, o que permitia uma visão geral do trabalho realizado e das possíveis invasões inimigas (DIÉGUES JR., 1952).

A capela era o símbolo religioso de culto sagrado. Localizada nos arredores da casa grande, quase sempre de estrutura pequena e simples, construída de alvenaria ou madeira, algumas possuem o torreão ao lado, onde fica o sino, sempre ornadas com imagens de santos(as). Era o espaço no qual se vivenciava a vida e a morte dos moradores, onde eram celebrados os batizados, casamentos, festas religiosas do padroeiro, como também o velório e enterro do senhor do engenho, de sua família e parentes (DIÉGUES JR., 1952).

A casa do engenho era o local de fabricação do açúcar, por isso era chamada também de fábrica. Nela acontecia a extração do caldo da cana de açúcar e seu cozimento. Consistia em uma estrutura de alvenaria que funcionava em conjunto com o bueiro para gerar o calor necessário ao cozimento e cristalização do açúcar. A fábrica era geralmente localizada no plano baixo do terreno, de preferência próxima de um rio, pois, sempre que possível, o mesmo poderia ser aproveitado como força motriz para uma moenda de roda d'água. Quando tal solução não era possível, utilizava-se a força animal, chamada de moenda trapiche (VAUTHIER apud PONCIONI, 2010).

O processo continua em outra edificação chamada de casa de purgar. No local havia formas suspensas por suportes chamados de andainas, que serviam de sustentáculos para as formas de purgar açúcar, donde pingava o mel que, por meio de canaletas, era conduzido para outros usos, como por exemplo a destilação. Esta, por sua vez, ocorria no alambique, local da fabricação da cachaça (VAUTHIER apud PONCIONI, 2010).

A senzala era a moradia dos escravos e consistia em um comprido galpão horizontal subdividido em cubículos de aproximadamente 3m², separados por paredes de taipa, no qual a única abertura era a porta baixa e estreita. O piso era a própria terra do terreno em que se ergue a senzala. Nas redondezas do engenho habitava também os moradores, chamados "homens livres". Esses possuíam a permissão do senhor para que construíssem suas habitações nas terras do engenho, em troca de serviços braçais (VAUTHIER apud PONCIONI, 2010).

Era comum haver ainda edificações destinadas a outras atividades indispensáveis ao funcionamento do engenho, como a olaria, para a fabricação de tijolos, a casa de farinha e outras oficinas destinadas a conserto das máquinas, serviços de carpintaria, serralharia etc.

Após essa breve apresentação das principais edificações que formavam o engenho e suas respectivas funções no processo de produção do açúcar, buscaremos em seguida nos deter aos aspectos relacionados à sua locação no sítio.

2.1 INSTALAÇÃO DO ENGENHO NO TERRENO

Segundo Geraldo Gomes (2006), a instalação do engenho era planejada com o intuito de garantir um sítio possuidor de terra fértil para o plantio e próximo ao mar para poupar os custos de exportação. Dessa forma, a instalação dos primeiros engenhos se deu nas proximidades da faixa litorânea e de rios quando possível, que permitia muitas vezes a utilização da moenda movida à água e, principalmente, viabilizava o acesso às embarcações para exportação. Com a carência de terrenos próximos aos rios, os engenhos adentraram o continente, se adaptando ao meio por meio da utilização da força animal para mover a moenda.

"Somente na segunda metade do século XIX, com as ferrovias e com a máquina a vapor, é que esses fatores diminuíram de importância para a implantação de novos engenhos" (GOMES, 2006, p. 71). Com a revolução industrial e a modernização, tornam-se acessíveis outros meios de transportes que possibilitavam a exportação e os novos equipamentos de fabricação auxiliaram na otimização da produção do açúcar.

Importante salientar que os engenhos instalados à beira de rios e lagoas provavelmente eram alvo de inundações em função das chuvas, que causavam a elevação do nível de água. Já a possibilidade de obter uma visão e controle do funcionamento do engenho e, por conseguinte, do trabalho dos escravos, foi provavelmente um dos fatores condicionantes que levaram as casas dos senhores de engenho a se localizarem normalmente em partes mais altas da topografia e da mesma forma, a igreja.

Em geral, as funções de cada uma das tipologias construtivas, como a produção do açúcar, as celebrações e a moradias deveriam influenciar sua localização na topografia, mas tudo leva a crer que não existia um planejamento ou um padrão formal instituído. Pode-se reconhecer algumas similaridades, ocasionadas talvez por uma

coincidência, mas também pelas necessidades inerentes ao perfil de funcionamento de cada edificação. Essa ideia geral da falta de um padrão está expressa nas palavras de Vauthier (apud PONCIONI, 2010, p. 302), segundo o qual “tudo isso, aliás, é construído sem ordem [...] Nada indica um plano de conjunto”.

3 ENGENHOS ALAGOANOS E SUA EDIFICAÇÕES

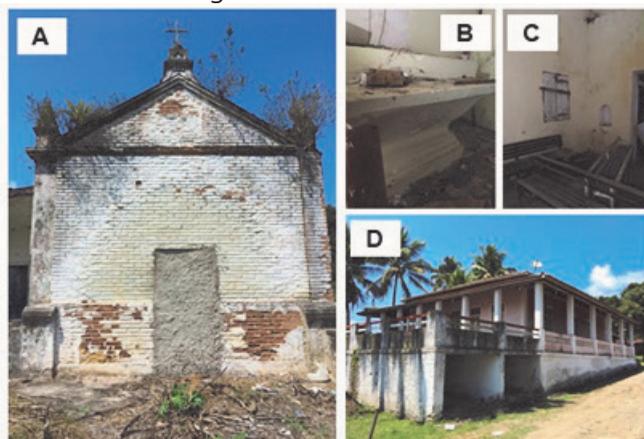
Os exemplares dos engenhos alagoanos, escolhidos por meio das visitas e levantamentos, analisam a disposição das edificações no terreno e o registro por fotografias do estado atual em que se encontram as construções. Com os estudos do GE-ECi, que já possui conteúdo científico sobre estes remanescentes, a análise presente contribui com uma extensão da relevância dessas implantações.

3.1 ENGENHO SANTO ANTÔNIO

O engenho Santo Antônio está localizado em terreno acidentado nas proximidades do município de Satuba, às margens da BR-316 e próximo ao rio Mundaú. Um rápido olhar é suficiente para perceber o quanto o tempo desgastou as edificações presentes, deixando-as em ruínas. Não possui atualmente todas as quatro principais edificações que compunham os engenhos, mas ainda permanecem para compreensão espacial a capela e a casa de vivenda, em estado mais conservado.

A capela é o edifício localizado no ponto mais alto e encontra-se abandonada, se arruinando gradativamente. A fachada (FIGURA 1A) já perdeu o revestimento, mas preservou o frontão triangular, as colunas adossadas à parede e a cruz no alto. No interior encontram-se o púlpito de alvenaria (FIGURA 1B), bancos de madeira e uma caldeirinha para água benta na parede (FIGURA 1C).

Figura 1 - A) Fachada da capela do engenho Santo Antônio; B) Púlpito; C) Interior da capela; D) Casa de vivenda do engenho Santo Antônio



Fonte: Acervo do GEECi (2018).

A provável casa de vivenda (FIGURA 1D) localiza-se um pouco afastada das demais edificações, principalmente da capela. Possui uma extensão na varanda da fachada frontal que possivelmente não fazia parte da construção original, pois os detalhes construtivos são diferentes da mureta que cerca a casa. Não foi possível o acesso ao interior da edificação, pois o proprietário não se encontrava no local e o responsável não autorizou a entrada da equipe³.

Em área mais baixa em relação à capela encontra-se atualmente um bueiro, próximo a uma construção em ruínas, que possui uma fachada com estrutura em arcos, telhado de duas águas e vãos fechados com tijolos. Na parte baixa do terreno, próximo ao rio, existem mais três bueiros, no espaço onde estava instalada uma olaria.

3.2 ENGENHO LAMARÃO

Em seguida apresentamos o engenho Lamarão, localizado próximo à área urbana do município do Pilar e às margens da lagoa Manguaba. Este exemplar encontra-se com arquitetura bastante conservada. Embora já não haja a senzala e a fábrica, é possível, a partir dos remanescentes existentes, perceber a preservação da história do engenho.

Figura 2 – A) Casa de vivenda do engenho Lamarão; B) Interior da casa; C) Bica; D) Fachada da capela do Engenho Lamarão; E) Interior da capela



Fonte: Acervo do GEECi (2018).

A casa de vivenda (FIGURA 2A) está localizada em uma área mais alta se comparada ao terreno mais próximo das margens da lagoa. Em ótimo estado de conservação, foi possível o acesso ao seu interior (FIGURA 2B), o que permitiu verificar as

³ O contato com os proprietários, e a autorização para acesso ao interior das edificações é uma das maiores dificuldades para o estudo dos engenhos. Por esse motivo, na maioria dos casos não é possível abordar aspectos do interior das edificações, sobretudo da casa sede da propriedade.

divisões dos espaços dos ambientes, mobília utilizada e as aberturas das janelas com visão para o entorno do terreno.

Há uma bica (FIGURA 2C), numa descida atrás da casa-grande que possui um fluxo forte e contínuo de água, podendo ser um forte indício da existência, em outros tempos, da fábrica com moenda de roda d'água naquela localização. A casa dos moradores, alguns dos quais empregados da propriedade, está em frente à casa de vivenda, caracterizando as tradicionais casas de porta e janela. A capela (FIGURA 2D) está implantada em cota semelhante à da casa-grande. Consiste numa construção imponente e adornada, cujo interior (FIGURA 2E) foi preservado.

3.3 ENGENHO GRAJAÚ DE CIMA

Assim como o Lamarão, o engenho Grajaú de Cima, está localizado nas proximidades da área urbana do município do Pilar e não distante da lagoa Manguaba. Várias edificações características do engenho ainda podem ser encontradas na localidade. Também neste caso não foi autorizado o acesso ao interior da casa grande e da igreja. Mesmo assim, foi possível reconhecer o uso e conservação destas construções.

A casa de vivenda (FIGURA 2A), deste engenho é caracterizada por possuir um primeiro andar, que seria a residência da família do proprietário, cujo acesso se faz pela escada na lateral direita (FIGURA 2B). Segundo Silva (2010), na época de funcionamento do engenho o pavimento térreo era utilizado como senzala. Este pavimento se caracteriza pela simplicidade, contando com poucas aberturas para ventilação. À direita da casa de vivenda encontra-se o alambique, local onde era fabricada a cachaça com o mel residual da fabricação do açúcar.

A capela (FIGURA 2C), localizada no terreno em nível mais baixo do que a casa de vivenda, está conservada. Há na sua fachada um tímpano triangular adornado com volutas e pináculos, além de um arco pleno em sua porta de entrada e colunas adossadas na parede. No lado esquerdo há várias casas de moradores, sendo uma delas destinada ao caseiro da fazenda.

Figura 3 – A) Casa de vivenda do Eng. Grajaú de Cima; B) Escada de acesso; C) Capela; D) Casa de Farinha do engenho Grajaú de Cima; E) Fábrica do engenho.



Fonte: Acervo do grupo GEECi (2018)

A casa de farinha (FIGURA 2D) fica na parte mais baixa do terreno, nas proximidades do que seria a fábrica do engenho (FIGURA 2E). Silva (2010) menciona que entre as edificações do alambique e da casa da farinha existia um açude, cuja construção foi necessária em virtude da distância entre o engenho e o rio. Atualmente a fábrica é utilizada como curral.

3.4 ENGENHO NOVO

Ainda nas proximidades da área urbana do município do Pilar-AL, bem como do rio Paraíba do Meio, encontra-se o Engenho Novo, localizado em local acidentado de modo que no alto do terreno fica a casa de vivenda (FIGURA 2A), tendo a capela na sua lateral direita, sua localização na topografia permite uma visão abrangente da fábrica e da casa de purgar. A capela não tem destaque na paisagem do engenho e sua construção é simples. As casas dos moradores estão localizadas principalmente à direita da casa de vivenda e da capela, formando uma fileira de pequenas casas germinadas. Em uma área inclinada e mais baixa do terreno estão a fábrica (FIGURA 2B) e a provável casa de purgar (FIGURA 2C), atualmente convertidas em galpões degradados e sem uso.

Figura 4 – A) Casa de vivenda e à direita a capela; B) Fábrica; C) Casa de purgar



Fonte: Acervo do grupo GEECi (2018).

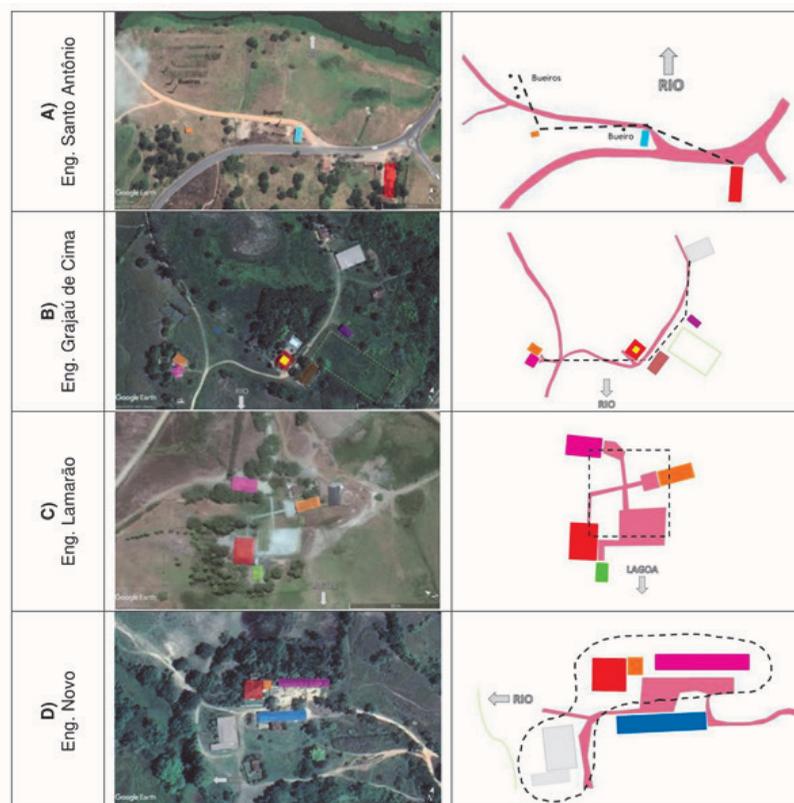
4 DISPOSIÇÃO ESPACIAL DOS ENGENHOS NO TERRENO

Com base nas visitas aos engenhos, na leitura das imagens de satélite e a partir da compreensão da função de cada uma das edificações principais na dinâmica de produção do açúcar, foi possível observar as semelhanças entre os remanescentes, estabelecendo um traçado interno entre as construções do engenho, assim, obtendo uma comparação entre os engenhos selecionados.

Desta forma foram identificados três tipos de relação entre as edificações principais, que foram designadas como distribuição "linear", "em pátio" ou "aglutinada". Cada

distribuição, destacada pelo pontilhado preto, ilustrará as relações entre as construções no sítio nos esquemas a seguir.

Quadro 1 – A) Distribuição linear: Engenho Santo Antônio e B) Engenho Grajaú de Cima; C) Distribuição em pátio: Engenho Lamarão; D) Distribuição aglutinada: Engenho Novo
 Legenda: ■ – Casa de vivenda; ■ – Capela; ■ – Casa de moradores; ■ – Senzala; ■ – Alambique; ■ – Fábrica de farinha; ■ – Construção arruinada; ■ - Casa de purgar; ■ - Fábrica. ■ - Bica



Fonte: À esquerda, intervenção sobre imagem do Google Earth; à direita, produção das autoras (2019).

São exemplos da distribuição linear, os Engenhos Santo Antônio (QUADRO 1A), e o Grajaú de Cima (QUADRO 1B), onde as edificações se encontram espalhadas, mas às margens de um caminho, que interliga as construções principais de forma linear, à medida que se direciona até a parte mais baixa da topografia. Nesse caso, o caminho que liga as principais construções é também o responsável por conferir unidade às partes da estrutura produtiva do engenho.

As edificações do Engenho Lamarão se voltam todas para um mesmo espaço, formando um pátio central (QUADRO 1C), com as principais construções remanescentes. Nesse caso, seria esse pátio a conferir coesão ao conjunto, caracterizando, dessa forma, uma distribuição em pátio.

Finalmente, o Engenho Novo representa uma implantação das edificações de forma “aglutinada” (QUADRO 1D). Em tal caso, embora as construções estejam ligadas por caminhos, esses são curtos, dada a proximidade das construções. Ao mesmo tempo, estas não estão voltadas para uma área central, cada construção se volta para uma parte do caminho que as une, estando ao mesmo tempo próximas e concentradas em uma mesma área.

Essas caracterizações espaciais são facilmente reconhecidas por manter alguma similaridade, porém não significa que possuem sempre uma configuração fixa. Os engenhos não possuíam um planejamento de organização em suas construções, ou um padrão formal, mas alguns condicionantes, como a posição do rio e a topografia, ocasionando distribuições com semelhanças entre si.

5 CONCLUSÃO

As três combinações expressam as diferentes formas de relação entre as principais construções. No caso da casa grande e da capela, por exemplo, se encontram bastante afastadas nos engenhos Santo Antônio e Grajaú de Cima, por estarem ao longo de um seguimento linear, ou seja, o caminho. Nos engenhos Lamarão e Novo, essas edificações estão próximas umas das outras, criando uma organização mais compacta: no engenho Lamarão, a capela se volta para a casa-grande; no Novo, as duas construções estão dispostas lado a lado. Um desses condicionantes seria a topografia, onde lugares altos poderiam representar proteção, e ainda visualização dos arredores. Assim, foi possível identificar três formas de distribuição das principais edificações dos engenhos no sítio.

Espera-se, com este trabalho, colaborar para aprofundar o conhecimento de especificidades dos engenhos alagoanos e das formas como se localizaram no território. Pretende-se, também, contribuir para o reconhecimento e valorização destas importantes construções, que guardam em seus remanescentes vestígios concretos da história de Alagoas.

REFERÊNCIAS

DIÉGUES JR., Manuel. **Engenhos de açúcar no Nordeste**. Rio de Janeiro-Brasil: Ministério da Agricultura, 1952.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **O banguê das Alagoas**. Maceió: Edufal, 2012.

GOMES, Geraldo. **Engenho e arquitetura**. Recife: Fundaj; Ed. Massangana, 2006. 416 p.: il.

PONCIONI, Claudia; SAQUET, Guillaume; ORSONI, Georges. **Pontes e ideias**: Louis-Léger Vauthier, engenheiro francês fourierista. Recife: Cepe, 2010.

SILVA, Maria Angélica da (coord.). **As trilhas do açúcar:** mapeamento dos engenhos das Alagoas: Módulo I. Maceió: UFAL/FUNDEPES/IPHAN-17a Superintendência Regional, 2008. (Relatório Final de Atividades).

SILVA, Maria Angélica da (coord.). **Mapeamento e identificação dos antigos engenhos de açúcar da região sul de Alagoas.** Maceió: UFAL/FUNDEPES/IPHAN-17a Superintendência Regional, 2010. (Relatório Final de Atividades).

Data do recebimento: 9 de junho de 2020

Data da avaliação: 15 de setembro de 2020

Data de aceite: 15 de setembro de 2020

1 Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL; Designer de Interiores pelo Instituto Federal de Alagoas – UFAL (2019); Integrante do Programa Voluntário de Iniciação Científica (PROVIC) – UNIT/AL, 2018/2019. E-mail: marcelladupes@gmail.com

2 Mestra em Arquitetura e Urbanismo; Professora do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.
E-mail: bianca602@outlook.com